

CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA: REFLEXÕES E DIÁLOGOS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES.

Karla Jakceline da Silva Nascimento¹
Divoene Pereira Cruz Silva²

RESUMO

O presente artigo intitulado Currículo e Práticas Pedagógicas na EJA: reflexões e diálogos na formação inicial e continuada de professores, aborda as reflexões e os diálogos empreendidos no decorrer do curso de Pedagogia quando dos nossos estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Articulada a estas reflexões apresentamos também uma pesquisa de campo do tipo qualitativa de caráter interpretativo e dialógico realizada com 04 (quatro) professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos nas redes públicas de ensino de municípios do Estado do Rio Grande do Norte. Em nossa interlocução teórica nos respaldamos nos estudos de Freire que trouxe contribuições em seus escritos que puderam enriquecer nossa discussão. (1996;1992 e 1986), Di Pierro (2005), Arroyo (2008), Santos (2016), Segundo Lira e Santana (2015) e Candau (2012). Como opção metodológica abordamos Silva; Pinheiro (2016), Ludke (1986), Andrade (2010) e Souza, Oliveira e Alves (2021). A escolha pelo tema se deu no decorrer do curso e teve sua origem em muitos fatores dentre eles a inquietação em compreendermos a importância da Pedagogia Freireana na prática pedagógica dos professores da EJA. Esta inquietação se constituiu durante minha graduação quando do meu encontro com as discussões teóricas empreendidas nas disciplinas cursadas, nos estágios, e nas vivências como bolsista do Grupo de Pesquisa e Extensão Práticas Pedagógicas em EJA - PRAEJA. A reflexão a respeito do Currículo e das Práticas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), requer conhecimento do processo histórico de exclusão social por que passa esta modalidade de ensino e os sujeitos que a constitui. Por meio da partilha com os professores compreendemos que muitos são os conflitos que aqueles professores vivenciavam, mas que apesar deste cenário desafiador havia por parte dos mesmos o compromisso político para com seus educandos e com esta modalidade de ensino. Entendemos que há muitas lacunas no que diz respeito ao repensar de uma estrutura curricular voltada para o atendimento das necessidades pessoais e profissionais dos sujeitos jovens, adultos e idosos da EJA. Em suma, o trabalho aponta para a necessidade de um repensar e refletir acerca das lutas conjuntas como também os princípios norteadores freireanos de educação para assim conseguirmos construir uma EJA que promova a ascensão social e a integração das pessoas jovens, idosas e adultas nos mais diversos espaços do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Currículo. Práticas Pedagógicas. EJA. Reflexões. Diálogos.

ABSTRACT

This article, entitled Curriculum and Pedagogical Practices in EJA: reflections and dialogues in the initial and continuing education of teachers, addresses the reflections and dialogues undertaken during the Pedagogy course during our studies on Youth and Adult Education (EJA). Linked to these reflections, we also present a qualitative field research of an interpretive and dialogic nature carried out with 04 (four) teachers who work in Youth and Adult Education in public schools in municipalities in the State of Rio Grande do Norte. In our theoretical dialogue, we rely on Freire's studies, who brought contributions in his writings that could enrich our discussion. (1996;1992 and 1986), Di Pierro (2005), Arroyo (2008), Santos

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos) karla.nascimento78297@alunos.ufersa.edu.br

² Professor Orientador, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail divoene.pereira@ufersa.edu.br

(2016), Segundo Lira and Santana (2015) and Candau (2012). As a methodological option, we approached Silva; Pinheiro (2016), Ludke (1986), Andrade (2010) and Souza, Oliveira and Alves (2021). The choice for the theme took place during the course and had its origin in many factors, among them the concern to understand the importance of Freirean Pedagogy in the pedagogical practice of EJA teachers. The Reflection on the Curriculum and Pedagogical Practices of Youth and Adult Education (EJA) requires knowledge of the historical process of social exclusion through which this teaching modality passes and the subjects that constitute it. Through sharing with the teachers, we understand that there are many conflicts that those teachers experienced, but that despite this challenging scenario, they had a political commitment to their students and to this modality of teaching. We understand that there are many gaps in terms of rethinking a curricular structure aimed at meeting the personal and professional needs of young, adult and elderly subjects in EJA. In short, the work points to the need to rethink and reflect on the joint struggle as well as Freire's guiding principles of education so that we can build an EJA that promotes social ascension and the integration of young, elderly and adult people in the most diverse spaces of the contemporary world.

Key words: Curriculum. Pedagogical Practices. EJA. Reflections. Dialogues.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo intitulado Currículo e Práticas Pedagógicas na EJA: reflexões e diálogos na formação continuada de professores, aborda as reflexões e os diálogos empreendidos no decorrer do curso de Pedagogia quando dos nossos estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Articulada a estas reflexões apresentamos também uma pesquisa de campo do tipo qualitativa de caráter interpretativo e dialógico realizada com 04 (quatro) professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos nas redes públicas de ensino de municípios do Estado do Rio Grande do Norte.

Na abordagem da temática escolhida optamos também pela pesquisa bibliográfica que nos permitiu uma leitura mais aprofundada de trabalhos da área com ênfase naqueles que respaldam as nossas questões mais importantes. Dentre os referenciais teóricos adotados. Priorizamos as leituras acerca da perspectiva freireana de educação correlacionando com os autores e autoras que compartilham desta mesma visão emancipadora de educação.

A escolha pelo tema se deu no decorrer do curso e teve sua origem em muitos fatores dentre eles a inquietação em compreendermos a importância da Pedagogia Freireana na prática pedagógica dos professores da EJA. Esta inquietação se constituiu durante minha graduação quando do meu encontro com as discussões teóricas empreendidas nas disciplinas cursadas, nos estágios, e nas vivências como bolsista do Grupo de Pesquisa e Extensão Práticas Pedagógicas em EJA - PRAEJA.

Estas vivências suscitaram indagações que requerem respostas. Os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos no PRAEJA possibilitaram ouvir, dialogar e refletir a partir dos desafios

relatados pelos professores que participavam do curso de formação continuada ofertado pelo PRAEJA durante a pandemia da COVID- 19 no modo de ensino remoto pela plataforma *Google meet*.

O contexto citado igualmente me fez refletir a respeito das demandas individuais e coletivas da prática dos professores da EJA, principalmente de suas necessidades formativas para vivenciarem novos desafios como exemplo o desafio do ensino remoto em virtude do contexto da Covid -19, o qual nos mostrou que precisamos aprender e reaprender a sermos professores e professoras em contextos diversos e adversos.

O modo de ensino de remoto e a pandemia da COVID-19 trouxe a necessidade de entendermos uma nova modelagem de educação e consequentemente a reformulação das práticas pedagógicas que perpassa dentre outros aspectos algumas demandas muito urgentes como por exemplo: o uso das tecnologias como recursos pedagógicos, a necessidade do diálogo e da reflexão conjunta por meio da criação de espaços formativos dentro das instituições escolares. Estas demandas permitem que os professores compartilhem entre si, os desafios e as experiências dos que fazeres docentes.

Em minha trajetória pessoal e profissional vivenciamos há dez anos a experiência de ser professora alfabetizadora, e de música, através do ensino teórico da impostação vocal, além de atuar como professora em ações de cunho social na esfera religiosa. Estas vivências pedagógicas fortaleceram ainda mais a minha atitude de professora pesquisadora e consequentemente o meu entendimento de que a pesquisa é um lugar de formação inicial e continuada de professores.

Nas vivências do PRAEJA, deparamo-nos com muitas situações conflituosas no tocante à docência e ao processo de ensino e aprendizagem na EJA. Dentre elas o desabafo dos professores pela ausência de formação continuada nesta modalidade de ensino. Desta maneira, o nosso interesse por estudar a EJA nos fez também repensar a nossa construção enquanto profissional, nossos medos, nossas limitações. Essas reflexões nos inquietaram e ampliaram o nosso interesse pela temática que originou este artigo.

Outro fator que nos influenciou na escolha deste tema ocorreu nos estágios durante a fase de observação nos momentos em que tive oportunidade de participar e dialogar em conjunto com professores da EJA, o que me mais me chamava atenção, eram os relatos desses professores no tocante a necessidade de reflexão e reconstrução de suas práticas, para que estes pudessem atender as especificidades e os anseios dos educandos desta modalidade.

Neste contexto emerge o nosso objeto de estudo que se constitui nas Práticas Pedagógicas e no currículo da EJA. A escolha do objeto norteou o objetivo geral que consiste em compreender O Currículo e as Práticas Pedagógicas na EJA a partir das reflexões acerca da formação continuada de professores e da articulação com os princípios freireanos. Os objetivos específicos se constituem em:

- Entender como se dar a articulação entre currículo, práticas pedagógicas e princípios freireanos presentes nas práticas dos professores da EJA;
- Dialogar buscando identificar através das falas dos professores participantes da pesquisa com vistas ao entendimento do projeto Político Pedagógico (PPP) que orienta as suas práticas pedagógicas elementos da Pedagogia Freireana; e
- Refletir sobre os currículos pensados e praticados pelos professores da EJA nas instituições em que estes atuam.

Este trabalho apresenta a seguinte estrutura: a Introdução, na qual apresentamos a temática, o objeto de estudo, a justificativa pela escolha do tema, os objetivos e a metodologia; em seguida o primeiro capítulo intitulado “ Um olhar sensível sobre a Educação de Jovens e Adultos: contexto histórico, sujeitos e suas histórias de vida com seus subcapítulos, em que apresentamos reflexões acerca de questões pontuais da temática tais como as práticas emancipadoras e a formação inicial e continuada como lugares de um repensar do fazer pedagógico na EJA, trazemos uma breve retrospectiva histórica da EJA e dialogamos com o nosso aporte teórico freireano e seus interlocutores; o segundo capítulo, Reflexões e diálogos com os professores da EJA: compartilhando a pesquisa realizada na EJA, em que partilhamos a pesquisa, os procedimentos/instrumentos utilizados, o diálogo aberto na perspectiva de construção de dados além das entrevistas semiestruturadas seguidas das reflexões e falas dos professores participantes da pesquisa; o terceiro capítulo, em que compartilhamos as nossas impressões acerca dos dados construídos no percurso metodológico e por fim, as Considerações finais que se constituem como o desfecho desta pesquisa, das reflexões e dos diálogos construídos, porém não acabados ou concluídos, o devir.

2 UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): CONTEXTO HISTÓRICO, SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

A reflexão a respeito do Currículo e das Práticas Pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), requer conhecimento do processo histórico de exclusão social por que passa esta modalidade de ensino e os sujeitos que a constitui.

Neste capítulo nos propomos a repensar a EJA, seus currículos e práticas pedagógicas a partir de um olhar sensível que considera os desafios enfrentados nesta modalidade articulado a discussão em torno das práticas emancipadoras da formação continuada como lugares de resignificação e repensar do fazer pedagógico na EJA.

Historicamente a EJA tem vivido processos de exclusão os quais tem deixado marcas de atraso e negação de direitos das pessoas jovens, adultas e idosas. Neste contexto, é importante lembrar que a reflexão sobre a EJA pelo viés das práticas dos professores nos permite compreender a relevância do professor que se faz mediador do processo emancipador de formação humana de sujeitos que tiveram seus direitos básicos negados, dentre eles o direito a educação. Trata-se de mediar o processo de emancipação das pessoas excluídas.

Pensamos que a emancipação na EJA requer uma educação que promova a inclusão social e que considere todos os aspectos da vida dos sujeitos reconhecendo e valorizando a identidade e subjetividade de todos e todas. Neste processo as práticas pedagógicas na/da EJA precisam articular a educação escolar aos processos de vida e trabalho nas comunidades e lugares que esses sujeitos vivem. Partimos do princípio que esses sujeitos necessitam de uma educação ligada as suas culturas e as suas necessidades humanas e profissionais.

Como mencionamos a modalidade EJA historicamente marcada por sucessivos processos de exclusão sofre com as ausências de sua identidade, de seu lugar, poderíamos dizer ausência de respeito às suas especificidades. As exclusões que deixaram a EJA à margem dos direitos se originam das diversas exclusões sociais, da falta de compromissos dos governantes que não pautaram políticas públicas direcionadas à EJA.

Para compreendermos todo o contexto em que esta modalidade está inserida é necessário revisitar a trajetória histórica, social e política da Educação de Jovens e Adultos, neste sentindo observamos que esta história muitas interrupções, estas permeadas por lutas, mais também avanços e retrocessos.

Os primeiros embates a favor da educação voltada para a população jovem e adulta no Brasil, acontece ainda na década de 30. Graças a esse advento é percebido o materializar de um sistema público de educação elementar no país. Neste mesmo contexto a sociedade brasileira vivenciava um período de transformações, decorrentes dos processos de industrialização como também a centralização populacional nos centros urbanos. Passando assim a ser ofertada educação de ensino básico gratuito, e este se estendia aos setores sociais cada vez mais diversos. Desse modo, foram incorporados esforços articulados nacionalmente que visavam à extensão da

Educação de Adultos. Mais esta educação tinha um interesse o desenvolvimento econômico e sociocultural para atender a uma necessidade do capitalismo.

Na década de 1940 é cenário de inúmeras iniciativas políticas e pedagógicas voltadas para a educação de adultos. Período este de reconstrução democrática, neste contexto experiências de alfabetização de relevância, pautadas, sobretudo, num novo entendimento da relação entre as problemáticas educacional e social.

Na década de 1960 com a mobilização no início dos anos que fomenta ações qualitativamente distintas das anteriores. Aqui houve a ruptura com a forma institucionalizada até então, viabilizando o repensar da Educação de Adultos no Brasil.

Temos também o período onde é marcado pela Ditadura Militar (1964 – 1978), este vem acompanhado por perseguições políticas, cassação de direitos políticos, prisões, torturas, assassinatos, exílios e censura da mídia. Neste período aconteceram as ações deflagradas e destacamos a proibição da proposta de Freire.

Aprovada em plena ditadura militar, a “doutrina do ensino supletivo” (como a denominaram seus formuladores) não incorporou as ricas contribuições que os movimentos de educação e cultura popular do início da década de 1960 legaram à educação de adultos, difundidas em todo o mundo pela obra de Paulo Freire (DI PIERRO, 2005, p. 1117).

Destacamos como sendo um marco o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF – criado e conduzido pelo regime militar, na década de 1970, com os objetivos diferentes dos movimentos anteriores. Vale salientar que neste período, a escolarização básica para jovens e adultos adquiriu institucionalidade nas redes de ensino: a LDB 5692/71 criou o ensino de 1º e 2º graus, fora regulamentado o ensino supletivo, com o dever de repor a escolaridade não realizada na idade certa no caso aqui referente a infância e adolescência, fases da vida consideradas de maior importância para a concretização da alfabetização e consequentemente da aprendizagem.

Esta lei dedicava um capítulo à Educação de Adultos, assim definia nesta mesma lei das funções que consistia em repor escolaridade perdida; o suprimimento – relativo ao aperfeiçoamento; e a aprendizagem e a qualificação – referentes à formação para o trabalho e profissionalização” (LDB 5692/71, Capítulo IV).

Em 1980 temos o fim do regime militar e a retomada das eleições diretas. Neste momento fora criado um ambiente político-cultural para favorecer os sistemas de ensino público e este começa a romper com o paradigma compensatório do ensino supletivo.

Na Constituição Federal de 1988 em seu art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996).

Sendo assim, somente na Constituição de 1988, a EJA passa a ser um direito constitucional, como está prescrito no art. 208: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.”

Para que realmente possamos entender a EJA como direito é necessário nos sensibilizarmos sobre as os problemas enfrentados pelos sujeitos educandos desta modalidade. Além disso, é necessária uma reflexão permanente sobre o currículo e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas.

Na consideração da EJA como direito precisamos de um olhar sensível sobre as histórias de vida das pessoas jovens, adultas e idosas para compreendermos que a vida não lhes oportunizou escolaridade no dito tempo certo, ou tempo hábil. Repensar a EJA enquanto modalidade significa repensar as trajetórias de vida de cada um (a), os lugares não ocupados por esses sujeitos. São vidas longe dos direitos básicos e dentre eles o direito a escolarização. Muitos não tiveram acesso ou tiveram tardiamente em suas vidas.

Muitos precisaram abandonar seus estudos porque tiveram que fazer escolhas ou até mesmo, abandonar seus sonhos, consequentemente anulando ou deixando para trás a oportunidade de ser mais.

Em nossos estudos no decorrer do curso e de nosso interesse pela EJA algumas indagações nos inquietaram e impulsionaram ainda mais a nossa vontade e o nosso compromisso nesta pesquisa. Dentre estas indagações nos questionávamos muitas vezes: que conteúdo deve ser trabalhado com este público? Quais são os interesses deles? Precisamos formar para a vida ou para o mercado de trabalho?

Na verdade, são muitas questões para repensarmos, pois se trata de um público especialíssimo. Os educandos da EJA são possuidores de muitas experiências de vida e de muita sabedoria. Por isso, o professor que atua na modalidade EJA precisa pensar em uma postura de

mediador, para oportunizar a estes o resgate de suas identidades negadas e que estiveram marginalizados pelo sistema.

A esse respeito ARROYO ressalta:

A história oficial da EJA se confunde com a história do lugar social reservado aos setores populares. É uma modalidade do trato dado pelas elites aos adultos populares. Entretanto, não podemos esquecer que o lugar social, político, cultural pretendido pelos estudos como sujeitos coletivos na diversidade de seus movimentos sociais e pelo pensamento pedagógico progressista tem inspirado concepções e práticas de educação de jovens e adultos extremamente avançadas criativas e promissoras nas últimas quatro décadas. (ARROYO, 2008, p.221-222).

A EJA recebe o lugar social que a elite escolhe na condição de sujeitos marginais, ou seja, a margem da sociedade, a quem de todos os direitos constituídos expostos na constituição. Apesar de todo o contexto histórico e cultural que envolve a modalidade EJA, marcada pela resistência empreitada pelos movimentos sociais tem renovado a visão a seu respeito em relação as práticas destinadas a EJA como também novas concepções.

Esse mesmo autor nos fala sobre a condição de exclusão social na EJA que perdura até os dias atuais:

A educação popular, a EJA os princípios e as concepções que as inspiram na década de 60 continuam tão atuais em tempos de exclusão, miséria, desemprego, luta pela terra, pelo teto, pelo trabalho, pela vida. Tão atuais que não perderam sua radicalidade, porque a realidade de vida pelos jovens e adultos populares continuam radicalmente excludentes. (ARROYO, p. 223).

Neste sentido, as lutas a favor da EJA permanecem as mesmas. Os avanços no tocante as conquistas são poucos se considerarmos as necessidades individuais e coletivas de seu público. Há muito que se conquistar quando se trata dos direitos sociais básicos das pessoas jovens, adultas e idosas. Inclusive no que diz respeito às práticas para a emancipação desses sujeitos.

2.1 Práticas emancipadoras na EJA: articulação entre a leitura de mundo, os saberes das vivências dos sujeitos e a construção do conhecimento sistematizado

Ao pensarmos o desenvolvimento de práticas emancipadora na EJA, concebemos a articulação entre a construção do conhecimento sistematizado e os saberes da vivência desses sujeitos a partir de seu cotidiano. SANTOS, 2016 vem nos dizer que;

Dessa forma, entendemos que o processo de ensino/aprendizado realizado na EJA deve acontecer de forma diferenciada do que é trabalhado nos ensinos regulares do ensino fundamental e médio, uma vez que os adultos possuem mais experiências do que as crianças e talvez mais dificuldades de aprendizagem, porém deve subsidiar a formação desses como ser individual, social e profissional (SANTOS, 2016, p.02).

Deste modo precisamos pensar a educação do diálogo, da escuta, e do compromisso com o sujeito, sempre lembrando que este está imbricado em seu contexto social, o que nos revela outro fator não menos importante no diálogo com a EJA: o aspecto político que permeia esta modalidade. Não podemos pensar uma educação de adultos que não tenha como lugar de aprendizagem a vida dos sujeitos e suas lutas em busca de direitos.

O processo de alfabetização crítica na EJA pressupõe a consideração dos saberes que estas pessoas possuem. Não é a mesma coisa de alfabetizar crianças. Quando a perspectiva de alfabetização crítica não acontece nas salas de aula o que temos é a infantilização de textos que desconsidera a identidade das pessoas jovens, adultas e idosas da EJA.

Ao refletirmos sobre a estruturar curricular destinada a EJA vemos uma serie de adaptações e consequentemente equívocos, pois os materiais destinados para a produção em salas da EJA em sua totalidade são aproveitados do ensino regular negando a diversidade do sujeito jovens e adultos. São adequações utilizadas para alfabetização das series iniciais no contexto infantil. O que chamamos de infantilização de texto e de material didático da EJA.

A infantilização de textos na EJA acaba por não fazer sentido e prejudicar o aspecto político tão importante nesta modalidade, pois não colabora com a conscientização política dos sujeitos.

Para o desenvolvimento de um processo de Alfabetização crítica na EJA faz-se necessário o entendimento que esses sujeitos têm experiências de vida e saberes prévios. Em sua maioria são trabalhadores e trabalhadoras, donas de casa, que poderiam ter as suas experiências de vida convertidas em conteúdo de aprendizagem e reconhecessem o cotidiano de suas vidas e suas atividades profissionais SANTOS, 2016 aponta;

A experiência e os conhecimentos prévios dos alunos são pontos importantes a serem destacados em se tratando da construção de um ensino significativo e proeminente, capaz de fornecer subsídios para os sujeitos envolvidos neste processo alcançar seus objetivos em todos os âmbitos profissionais e pessoais (SANTOS, 2016, p.03).

Entendemos que a organização de atividades escolares a serem desenvolvidas na EJA deveriam priorizar os saberes das vivenciais dos sujeitos. Desta maneira a aprendizagem pode ter mais significado e suscitar no educando da EJA o interesse pelo processo do ensino aprendizagem, ou seja, quando os conteúdos escolares se articulam com os conteúdos de vida o desempenho é satisfatório.

Entendemos que a EJA, pela sua especificidade, é uma modalidade de ensino que deve ser pensada de forma diferenciada, a qual suscita uma metodologia didática que seja apropriada para auxiliar o processo cognitivo dos seus sujeitos, lembrando que muitas das vezes esses são trabalhadores e, ainda estão afastados dos estudos por um longo espaço de tempo (SANTOS, 2016, p.01).

Faz necessário refletir acerca dos desafios enfrentados pelos professores quando tentam desenvolver práticas emancipadoras pois não há nas escolas a predominância de um planejamento coletivo que possibilitasse aos docentes o compartilhamento das diferentes experiências do ser professor na EJA. Um dos desafios consiste em resgatar na EJA, a autoestima dos educandos para que estes se reconheçam como construtores de saberes. Nesse processo faz importante sensibilidade da escola condutora dessa modalidade. Segundo Lira e Santana (2015):

Encarar esses problemas, é um grande desafio para prática pedagógica do professor da EJA, afinal o seu papel é preparar o estudante para que se perceba como sujeito construtor do seu conhecimento, pensar num modelo de escola mais flexível conectado a vida, investir na formação docente e ter um olhar mais sensível quanto as necessidades desses jovens e adultos, e a tudo que lhe é relevante (LIRA, SANTANA, 2015 p. 2).

No contexto da reflexão acerca das práticas emancipadoras na EJA compreendemos que estas se revestem de múltiplos e diferentes desafios. Esta realidade foi possível observar durante minha passagem nas instituições que ofertavam esta modalidade, pois quando se trata da EJA, falamos de um público excluído historicamente, e que ainda nos dias atuais continuam marginalizados por um sistema excludente que não pensa políticas públicas para este público formado por uma camada da sociedade composta de jovens e adultos em sua maioria trabalhadores, pobres, negros, oprimidos e excluídos do direito à escolarização. A estes foi negado o direito de uma educação de qualidade e que lhes conferistes dignidade humana.

Em primeiro lugar, a ação pedagógica não poderá ser, em hipótese alguma, entendida e praticada como se fosse uma ação neutra. Ela é uma atividade que se faz de ideologizada; está marcada em sua própria raiz, pela "coloração" do projeto histórico que se delineia no decorrer da própria ação. A ação do educador não poderá ser, então, o "que fazer neutral", mais um que fazer ideologicamente definido (CANDAU, 2012, p. 28).

A esse respeito temos que pensar na prática pedagógica como um que fazer construtor através da ação diária que o professor realiza em seu cotidiano vivenciando e produzindo tornando sua prática concreta. Ação pedagógica contextualizada a partir do contexto histórico desse sujeito é sobre tudo devolver a estes educandos o direito de construir suas aprendizagens e torna-las significativas. Para o educador isso passar a ser visto como a concretude de sua prática pedagógica.

2.2 Formação inicial e continuada na EJA: ressignificação das práticas por meio da partilha coletiva dos saberes docentes no PRAEJA

A reflexão acerca da formação inicial que ora vivencio me permite abordar inquietações e angústias as quais fizeram parte do percurso formativo. Este percurso formativo me autoriza igualmente a fazer apontamentos no tocante às dificuldades enfrentadas pelos professores da EJA, os quais tive a oportunidade de vivenciar suas práticas no decorrer dos estágios, e principalmente no Grupo de Pesquisa e Extensão PRAEJA, no qual aprofundei as minhas reflexões e a minha vivência com os professores desta modalidade de ensino.

No PRAEJA acompanhamos a luta diária dos professores (as) em busca de mais qualidade de ensino, valorização dos sujeitos educandos ou nos desafios de devolver a esses sujeitos a esperança na educação como lugar de transformação social.

Na formação inicial e continuada oferta pelo PRAEJA durante a pandemia tivemos a oportunidade de dialogarmos com os professores participantes e entendermos a importância da existência de espaços formativos coletivos. Entendemos também que quando não há oferta de formação continuada os professores não tem espaços que lhes possam dar o suporte necessário para a reflexão crítica permanente que possibilita o repensar permanente de suas práticas pedagógicas:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (FREIRE, 1996, p. 40).

Nas atividades desenvolvidas pelo PRAEJA e em especial no curso de formação continuada que aconteceu no modo remoto pela plataforma *Google meet*, de julho de 2020 a janeiro de 2021, vivenciamos a troca de vivências e experiências por parte dos professores participantes e tivemos a oportunidade de falarmos sobre os desafios das práticas, sobre as experiências exitosas por meio dos projetos que esses professores desenvolvem em suas salas de aula, como também sobre as múltiplas oportunidades de aprendizagem tendo como base os conteúdos da vida dos sujeitos educandos.

Os encontros do curso por meio do diálogo, da cooperação mútua, da solidariedade, amorosidade e da partilha coletiva os professores ampliaram suas concepções acerca da EJA, demonstraram como se sensibilizam com as histórias de vida dos sujeitos da EJA, e reforçavam em suas falas o entendimento da EJA como direito conquistado.

Das vivências que o PRAEJA nos proporcionou uma das questões que considero relevante foi a tomada de consciência sobre o valor das subjetividades dos sujeitos quando da organização das aulas por parte dos professores. Essa postura faz com que o planejamento das aulas e o desenvolvimento das atividades escolares considerem as identidades diversas existentes em uma sala de aula da EJA. Faz com que os professores organizem seu material didático e as questões pedagógicas considerando que se trata de um trabalho com um público especialíssimo.

Ter o ser humano e sua humanização como problema pedagógico. Não reduzir as questões educativas a conteúdos mínimos, cargas horárias mínimas, níveis, etapas, regimentos, exames, avanços progressivos, verificação de rendimentos, competências, prosseguimentos de estudo etc., institucionalizar EJA nesses estreitos horizontes será pagar o preço de secundários os avanços na concepção de educação acumulados nas últimas décadas (ARROYO, p.225).

A experiência de dialogar com os professores da EJA durante o curso do PRAEJA foi sem dúvida uma experiência significativa em nossa formação inicial. Nos espaços formativos do curso em que estive, sejam nos estágios, nos eventos ou na participação nos projetos de pesquisa e extensão muitas vezes me angustiei ouvindo os relatos dos professores em exercício que apontavam para a necessidade de que lhes fossem ofertado formação continuada que lhes dessem suporte no compartilhamento das diversas situações vividas pelo público da EJA. Ouvia atentamente esses relatos e ficava pensando em formas de contribuir.

Esses professores embora sem suporte pedagógico necessário viviam em busca de métodos de ensino inovadores que segundo suas falas deveriam ser eficazes e ao mesmo tempo atrativos para estes educandos.

Os professores participantes do PRAEJA falavam sobre seus educandos que conforme suas falas eram na maioria das vezes jovens e adultos trabalhadores e trabalhadoras que chegavam na escola cansados, esgotados sem ânimo e com uma infinidade de problemas. Esses sujeitos falam de seus conflitos familiares, profissionais, da falta de emprego, de alimento e de tantas outras questões importantes em suas vidas. Os professores demonstravam que essas questões influenciavam no processo de aprendizagem.

Por meio da partilha dos professores compreendemos que muitos são os conflitos que aqueles professores vivenciavam, mas que apesar deste cenário desafiador havia por parte dos mesmos o compromisso político para com seus educandos e com esta modalidade de ensino.

Todas as experiências vividas no PRAEJA me fizeram entender que na formação inicial é fundamental que ³os professores em formação vivenciem os contextos de sala de aula, pois é a partir desta vivência que podemos vivenciar antecipadamente as situações de ensino e aprendizagem que viveremos no exercício de nossas práticas futuras:

É fundamental que na prática da formação docente, o aprendiz de educador assume que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 2016, p.39).

Durante a nossa participação como bolsista do PRAEJA, pudemos vivenciar a formação inicial e continuada por meio de minicursos, palestras, rodas de diálogos, ciclos de estudos culminando com a realização do I Seminário de Educação de Jovens e Adultos – I SEJA realizado pela coordenação e vice- coordenação do projeto, estudantes do curso de Pedagogia da UFERSA e parceiros participantes.

O referido curso enquanto proposição de formação inicial para os discentes da Pedagogia da UFERSA de Angicos/RN e formação continuada para os professores da EJA em exercício, contou com a participação de 101 pessoas, que eram pedagogos em formação de nossa instituição e de outras instituições públicas de nosso estado, professores, coordenadores pedagógicos e gestores das redes municipal e estadual. Estas pessoas, oriundas da região central do estado Rio Grande do Norte, como também de outros estados do norte e nordeste do nosso país vivenciaram neste tempo pandêmico um espaço formativo coletivo e democrático.

³ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2.

O nosso curso se fundamentou teórico e metodologicamente na perspectiva freireana de educação, que respaldou as nossas reflexões e diálogos em todo o percurso formativo. Articulamos a essa perspectiva outros pensadores que compartilham da mesma visão crítica, emancipadora e igualmente democrática.

As atividades do nosso projeto de extensão Currículo e Pesquisa na Educação de Jovens e Adultos: os sujeitos e suas vidas nas propostas pedagógicas, tiveram início no ano de 2019 de forma presencial, mas em virtude da pandemia teve seu formato e estrutura modificados para o ensino remoto. O curso como parte integrante deste projeto havia sido pensado para ser desenvolvido de forma presencial. No entanto, tivemos que repensar todo o cronograma juntamente com a metodologia que subsidiaria todas as atividades do curso. Esta realidade pandêmica inesperada nos colocou inúmeros desafios.

A ousadia foi desenvolver um curso de formação de professores da EJA, pensado inicialmente na forma presencial, no entanto, em virtude da pandemia da COVID-19, reformulado no modo remoto. Apesar de termos consciência da realidade desafiadora, que considerava o difícil acesso às plataformas digitais disponíveis e aos recursos tecnológicos, tanto por parte dos nossos discentes da Pedagogia da UFERSA como também por parte dos nossos colegas professores da EJA matriculados no curso no modo presencial. Damos início às atividades de forma remota e tivemos 101 inscritos. Com público variante de cursistas PROFESSOR EM EXERCÍCIO 50,5%, PROFESSOR EM FORMAÇÃO 31,7% entre os participantes tivemos especialistas, mestres e doutores. Este público participante era constituído de uma boa parte de pessoas de nossa microrregião as cidades participantes Angicos, Santana do Matos, Bodó, Pedro Avelino, Lajes, Afonso Bezerra, Fernando Pedroza, Natal, Parelhas, Comunidade rural Rio Velho, Caicó, como também de outros estados: Pará, Ceara, Maranhão.

Os encontros formativos totalizaram vinte e um encontros de formação, três rodas de diálogos com professores convidados discutindo temas transversais, um seminário de partilha de projetos desenvolvidos nas escolas em que os professores atuavam, que fora dividido em quatro momentos e um seminário de encerramento do curso intitulado I Seminário de Educação de Jovens e Adultos - I SEJA-, que aconteceu nos dias 28 e 29/01/2021 e que teve inscrições abertas.

O I SEJA se aconteceu em dois dias sendo o primeiro dia uma Mesa Redonda com a participação de uma professora da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR e mediação de um professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. No segundo dia aconteceram os relatos de experiência em salas virtuais com temáticas específicas aos projetos

pedagógicos desenvolvidos e relatados pelos professores cursistas, os quais em suas falas ressaltavam o quanto adquiriram novos e relevantes conhecimentos a partir do desenvolver do curso que lhes propiciaram reflexões e ressignificações de suas práticas. Ao repensarmos todo o percurso de nossas formações consideramos muito significativa a participação no que consiste nos números que atingimos com uma variante de picos de participação entre 100 e 80 pessoas que permaneciam online apesar das condições adversas do contexto pandêmico, bem como das dificuldades de acessibilidade as plataformas digitais.

O I SEJA como evento que finalizou o projeto de extensão e o curso que apresentamos neste relato pode ser considerado o ponto culminante de participação em massa do público externo. Este público fortemente comprometido com a discussão da/na EJA atingiu um total de duzentos e vinte inscritos, treze trabalhos submetidos, com transmissão via *Google meet* e *Youtube*.

O curso que tinha dentre outras propostas legitimar, valorizar, e dar visibilidade as diversas e diferentes práticas dos professores da EJA em seus diversos contextos educacionais, fomentar uma discussão acerca da organização curricular na EJA, para além dessas propostas conseguimos dar possibilidades de um repensar coletivo das práticas desses professores em um contexto totalmente adverso, inusitado e jamais pensado por nós professores em exercício e em formação: O contexto da pandemia da Covid -19.

O movimento reflexivo – coletivo propiciado pelo curso respaldou-se na concepção freireana de educação que instiga em nossa práxis educativa uma permanente espiral ação – reflexão – ação, necessária à docência principalmente na mobilização dos saberes pedagógicos em contextos adversos como este que estamos vivendo.

Neste sentido, ressaltamos Freire como nossa grande inspiração na mobilização dos saberes pedagógicos

No âmbito dos saberes pedagógicos em crise, ao recolocar questões tão relevantes agora quanto foram na década de 60, Freire, como homem de seu tempo, traduz, no modo lúdico e peculiar, aquilo que os estudos das ciências da educação vêm apontando nos últimos anos: a ampliação e a diversificação das fontes legítimas de saberes e a necessária coerência entre o “saber-fazer e o saber-ser pedagógicos.” (FREIRE, 1996, p. 12).

A formação continuada dos professores da EJA requer o diálogo entre esses professores no sentido de partilhamento dos seus conhecimentos pedagógicos, das vivências e experiências nas salas de aula, na colaboração e cooperação mutuas instauradas nos espaços formativos locais em que desenvolvem suas práticas pedagógicas.

A experiência do PRAEJA, em especial o curso propiciou o que Paulo Freire chama de inédito-viável em um tempo de desconstrução da esperança.

Na visão de Freire (2018, p. 263), o inédito-viável são os projetos e os atos das possibilidades humanas, potencialmente latentes. A palavra inédito-viável expressa afetiva, cognitiva, política, ética e ontologicamente os atos e fazeres humanos. No compartilhamento desta mesma visão Ernest Bloch (2005), aponta como a dimensão do ainda-não, como potência humana que emerge nas múltiplas relações vividas, nos mais diversos e adversos contextos humanos, que é o caso da pandemia da COVID - 19.

Ao rememorarmos a experiência do PRAEJA entendemos que o mesmo ‘se configurou como uma importante atividade de formação inicial e continuada e fazemos uma análise muito positiva das contribuições que este deu a consciência política dos participantes. A seriedade com desenvolvemos as atividades coadunam com princípios freireanos que nos são muito caros.

Neste sentido, é importante relembrar a responsabilidade social e ética que temos como profissionais da educação de jovens e adultos:

[...] quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p.26).

A responsabilidade social e ética na formação de professores deve ser um compromisso que perpassa a construção da identidade do ser professor e que se articule com os princípios freireanos: amorosidade, justiça social e respeito ao direito do “ser mais” de cada ser humano.

3 REFLEXÕES E DIÁLOGOS COM OS PROFESSORES DA EJA: COMPARTILHANDO A PESQUISA

A pesquisa qualitativa realizada de caráter interpretativo e dialógico fez uso dos seguintes procedimentos/instrumentos: sessões reflexivas ou como chamamos encontros reflexivos e entrevistas semiestruturadas. Como já mencionamos articulamos em nosso trabalho investigativo a pesquisa bibliográfica que nos ofereceu respaldo teórico-metodológico a partir das leituras de outros trabalhos da área como também da interlocução com autores que respaldam a nossa temática.

A nossa pesquisa se ocupou da problemática da EJA e se inseriu em nossa formação como um momento muito importante na construção de nossa identidade de professora-pesquisadora. Como já foi citado a temática escolhida sobreveio das múltiplas experiências vivenciada no percurso formativo do curso de Pedagogia, em que o olhar sobre a EJA nos ajudou a delimitar a área em que desejamos atuar. Entendemos a pesquisa como inerente ao processo de formação de professores. Igualmente entendemos que a curiosidade epistemológica foi o que nos moveu na direção do objeto de estudo.

Pesquisar se tornou uma atividade constante em minha vida de pedagoga em formação. Com a pesquisa repenso os contextos escolares e humanos nos quais estou inserida e posso agir sobre os mesmos quando se trata de minha intervenção no mundo:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.32).

A escolha por uma perspectiva metodológica em que predominam os princípios colaborativos na atividade de pesquisa fortalece o caráter interpretativo e dialógico, que valoriza a subjetividade de nosso trabalho e o aspecto político-social dos objetivos a que nos propomos. Compreendemos que as pesquisas na EJA têm um forte aspecto político pois se trata do compromisso dos professores com a realidade histórico social que permeia esta modalidade de ensino. Conforme (SILVA; PINHEIRO, 2016.p 60) “Os princípios colaborativos da formação coletiva e coautoria no processo investigativo fortalecem o espaço democrático dos diálogos e das negociações empreendidas durante o processo”.

Neste trabalho o compromisso social assumido se relaciona a problemática educacional vivida pelos professores e educandos da EJA. Em nosso entendimento é necessário refletir sobre as práticas e o currículo da EJA para compreendermos os espaços sociais ocupados ou não pelas pessoas jovens e adultas as quais construíram as suas identidades e subjetividades enquanto sujeitos pertencentes aos contextos de exclusão social.

Desta maneira, situamos a nossa pesquisa como uma atividade que está intrinsicamente ligada aos meus interesses e inquietações, ou seja, ligada a minha identidade de professora-pesquisadora em formação:

É importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade, naquela época. Assim, a sua visão do mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa. (LUDKE, 1986, p.3).

Nesta pesquisa as reflexões empreendidas e respaldadas pela dialogicidade freireana favoreceu a autonomia dos sujeitos participantes da pesquisa. Assim, a dialogicidade além de respaldar a problematização das questões de pesquisa, possibilita melhor compreensão da prática dos professores. As pesquisas qualitativas favorecem a cooperação mútua nos percursos investigativos traçados:

[...] o estudo “qualitativo” ou “naturalístico” encerra um grande potencial para conhecer e compreender melhor os problemas da escola. Ao retratar o cotidiano escolar em toda a sua riqueza, esse tipo de pesquisa oferece elementos preciosos para uma melhor compreensão do papel da escola e suas relações com outras instituições da sociedade. (ANDRÉ, 1986, p.23 e 24).

Para a realizar nossa pesquisa como foi mencionado fizemos uso da pesquisa bibliográfica que nos deu suporte nas leituras em artigos científicos como também livros, sites entre outros referenciais que tratam da temática e que nos auxiliaram em nossa interlocução teórica e construção de conhecimento.

A pesquisa científica está presente em todo campo da ciência, no campo da educação encontramos várias publicadas ou em andamento. Ela é um processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma indagação no estudo de um fenômeno. (SOUZA, OLIVEIRA e ALVES, 2021, p. 2).

Buscamos através da pesquisa bibliográfica reunir ampliar os nossos conhecimentos em torno de nossa temática, ou seja, ampliar igualmente o embasamento teórico. A pesquisa bibliográfica é um dos meios mais usados no meio acadêmico com a finalidade de aprimorar e atualizar o conhecimento, através de uma investigação científica em obras já publicadas.

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no

desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Sabíamos da importância deste tipo de pesquisa para darmos início a nossa investigação, a qual foi precedida pela pesquisa bibliográfica, momento em o pesquisador busca em obras publicadas elementos que lhes auxilie na condução do trabalho.

3.1 – Diálogo aberto: escuta sensível na partilha dos desafios da EJA

Os nossos encontros dialógicos realizados com as (04) quatro professoras participantes da pesquisa. Nesses encontros ficávamos atentos aos relatos dos professores assim, como as suas partilhas do cotidiano, durante as conversas tratamos de algumas questões que não estão pontuadas nas entrevistas semiestruturadas e que eram de interesse da pesquisadora e das professoras coparticipes. Esses encontros que aconteceram no formato remoto pelo google meet em virtude da pandemia do Covid - 19, foram permeados por amorosidade, solidariedade, entre pesquisadora e pesquisadas.

A colaboração possibilitou um espaço dialógico e democrático, no qual os sujeitos envolvidos construíram coletivamente uma reflexão autocrítica acerca de suas práticas pedagógicas e do currículo da EJA na escola lócus desta investigação (SILVA; PINHEIRO, 2016, p. 2).

As quatro professoras participantes eram cursistas do grupo de pesquisa PRAEJA. Uma das características dessas conversas pelo meet eram a familiaridade existente entre os sujeitos, pois nós e estas professoras que estavam matriculados no curso do PRAEJA encontrávamos quinzenalmente no desenvolvimento das atividades do curso. Muitas das questões das conversas eram resultantes das minhas curiosidades e inquietações pedagógicas. O querer compreender o cotidiano dos professores e suas práticas eram questões que precisávamos saber e que orientavam as conversações.

Este conjunto de professoras comprometidas com as questões políticas, econômicas e sociais das comunidades as quais pertencem, demonstraram desenvolver um trabalho de muita relevância por justiça social na EJA e participavam ativamente da vida dos seus educandos.

Realizamos 4 (quatro) sessões com cada sujeito participante da pesquisa. Um outro aspecto dessas conversas era o diálogo livre e aberto, a partir do qual as professoras sentiam-se à vontade para falarem de suas vivências na EJA. Para preservarmos as identidades das entrevistadas

decidimos adotar pseudônimos para nomeá-las. Chamamos a Professora ‘A’ de Flor do Romão, a Professora “B” flor de Frade, a Professora “C” flor de Mussambé e a Professora “D” flor de maracujá.

Nos momentos dialógicos realizadas com a professora Flor do Romão conversamos sobre diferentes assuntos dentre os quais: a desmotivação que os educandos da EJA passam e trazem para a sala de aula, ausência de metodologia e de material didático para nortear as aulas diante das realidades e necessidades desses alunos dentre outros. No tocante a desmotivação a mesma relatou que é decorrente dos problemas pessoais que afetam diretamente sua aprendizagem, esses problemas são com uso de drogas e diversos tipos de violência, além questões ligadas a gênero, orientação sexual e desigualdades, desemprego essa escuta acontece durante as rodas de conversas.

Quando esta professora se reportava as metodologias e ao material didático que utilizava a mesma relatava que é a construção dos mesmos se dá a partir da escuta sensível e dos interesses de aprendizagem da turma com vistas a uma aprendizagem satisfatória. Em sua fala a professora Flor do Romão ressaltou a importância da dialogicidade no contexto de sua sala de aula.

Nas sessões da Professora flor de Frade percebemos a sua visão acerca dos materiais didáticos adotados na instituição que atua. A mesma utiliza o livro didático. Em seu relato afirma ser muito defasado e que não atrai a atenção dos educandos. E em relação ao conteúdo contido no livro este é bastante infantilizado. A turma tem muita dificuldade na resolução das atividades. Dialogamos sobre a necessidade de despertar a autonomia dos educandos e resgatar a autoestima dos mesmos. Esta professora primeiro nos situa sobre como é sua turma, qual nível em que estão em termo de cognição. A professora flor de Frade ainda em dialogo conosco nos relata que tenta de tudo para que os alunos se sintam atraídos com conteúdo do cotidiano mais que não tem muito sucesso. Ela destaca problemas pessoais e profissionais em que os mesmos estão inseridos a começar pelo desemprego, a escassez desse. Os que tem jornadas de trabalho exaustiva e que acabam por não participar das aulas. Entre outros problemas ela aponta a falta de formação continuada para EJA como sendo um dos fatores que mais a deixa desmotivada.

Quando apresentamos a proposta que trata das metodologias trabalhadas: a professora Flor do Romão nos apresenta a seguinte discussão respaldada em um plano, este consistiria na metodologia de projetos pedagógicos interdisciplinares, o qual prioriza sobretudo o interesse do aluno em consonância com documentos norteadores da educação de Jovens e Adultos como a LDB/96- Lei de diretrizes e bases da educação, BNCC- base nacional comum curricular, diretrizes curriculares da EJA entre outros.

Os projetos pedagógicos envolvem ações práticas como: aulas de campo, rodas de conversa com convidados, oficinas e eventos escolares direcionados para o público da EJA com a participação dos demais alunos. A experiência com projetos não se trata de uma metodologia inovadora, trata-se de uma ação desenvolvida em muitas escolas públicas e privadas. Os projetos apresentam uma nova concepção, um novo olhar para essa metodologia utilizada em nossas escolas, para que o projeto, a ideia, seja oriunda do aluno, do diálogo, da escuta, da participação coletiva. (FLOR DO ROMÃO, 2022)

Questionamos a Professora flor de Frade sobre as metodologias utilizadas em sala de aula ela nos explica como funciona que as atividades destinadas aos alunos eram xerocopiadas, via WhatsApp, assim como as devolutivas quando são realizadas são feitas através do dispositivo através de fotos, além do livro didático. Que inclusive pedimos que nos fale sobre o livro didático como é feita a escolha deste:

Não há escolha, e que acontece uma apresentação prévia do material didático destinado ao público da EJA. O livro didático adotado para EJA na instituição “EJA moderna”, no momento ela explica como é compactado o livro, é como se fosse módulo. Um usado para alfabetizar este é destinado para os que não conseguem ler ainda, já o outro para os que já conseguem identificar os códigos linguísticos. Em sua visão os livros tem conteúdo muito além do conhecimento dos alunos e que por isso é tão difícil de trabalhar com eles o livro (FLOR DE FRADE, 2022).

A professora Flor do Romão finaliza nossa conversa com apontamentos relevantes no que diz respeito a elaboração de projetos com temas e de interesses dos educados:

Para resultados mais efetivos, o planejamento de projetos deve ser coletivo, onde todos os professores com apoio pedagógico e orientações, façam através de seus diálogos e mediante anseios dos alunos a construção do plano de ação para o decorrer do ano letivo. (FLOR DO ROMÃO, 2022)

Com isso, refletimos sobre a importância dos planos e planejamentos estarem alinhados aos interesses dos educandos tendo em vista que a execução destes depende de como serão vividos e absolvidos na comunidade escolar. Pensar em práticas e metodologias que façam sentido e por tanto, possam ser instrumentos de emancipação para os sujeitos envolvidos.

O educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer, assistindo a imersão dos significados em cujo processo se vai tomando também significador crítico. Mas o que ser educando por causa de uma razão qualquer, o educando precisa tornar-se educando assumindo-se como o sujeito cognoscente e não como incidência do discurso do educador (FREIRE, 1992. p. 24).

Estes momentos foram de muita reflexão e aprendizagem pois foi possível vivenciar as práticas do professor, através dos relatos consequentemente viver as angustias e inquietações do cotidiano destes. Sentimos de perto como é difícil e desafiador o processo de ensino e aprendizagem. Com a pandemia e a utilização do modo de ensino remoto estas dificuldades se acentuaram cada vez mais.

Observamos o compromisso por parte das professoras na construção da autonomia dos educandos da EJA. Este compromisso docente se articula com o desejo de que os sujeitos da EJA recuperem a sua autoestima e vontade de continuar com os seus estudos. Assim, por conseguinte concretizamos com mais vontade a escolha acertada de ser professor, apesar dos desafios que encontramos nos espaços escolares refletimos que quanto maior o desafio, ainda mais instigador, e sem contar no contexto atual pandêmico, que limitava de todo o modo a realização do mesmo.

O relato da Professora Flor de frade nos situa acerca das condições sócio econômicas de sua turma e percebemos a sua preocupação com seus educandos. Grande parte deles estão desempregados ou desenvolvem atividades temporárias que não lhes garantem minimamente dignidade em suas vidas. Trata-se de um público massivamente excluídos em todos os segmentos sociais e no gozo de seus direitos básicos. Quando tratamos da exclusão digital deste público a situação é mais agravante, pois sequer possuem equipamentos que lhes garantissem a participação nas aulas que durante o período pandêmico aconteceu no modo remoto.

Esta realidade afetou diretamente a interação entre seus professores e suas turmas. A possibilidade de alcance de todos e todas por meio das plataformas virtuais não aconteceu. No uso das tecnologias o desenvolvimento das atividades realizadas via aplicativo foi muito comprometido e a EJA passou e continua vivendo um tempo muito complexo para a sua permanência nos contextos das escolas. São trabalhadores e trabalhadoras que na maioria das vezes enfrentam uma luta incansável para sustentarem suas famílias.

Os educandos possuem dificuldades no quesito alfabetização e portanto, o que dificulta a utilização recursos tecnológicos tendo em vista que precisam dominar alguns recursos como por exemplo a leitura, o domínio na escrita, a compreensão de textos e saber manusear o telefone celular que com o passar dos anos está bem moderno e fora do alcance de suas condições financeiras. As atividades que pensamos em colocar em pratica no momento que estávamos acompanhando as turmas não deram certo em decorrência destas questões apresentadas.

Durante a pesquisa tivemos a oportunidade de ficar lado a lado dos professores e professoras da EJA e ouvir relatos que agregaram muito meu modo de ver a profissão escolhida e compreender como é difícil a atuação nesta modalidade principalmente pela inexistência de

formação continuada que lhes dê apoio pedagógico e sobretudo por não existir espaços formativos para que esses professores compartilhem os desafios vividos na prática cotidiana.

Durante o percurso metodológico da pesquisa e por ocasião de uma visita a uma turma da EJA de nosso município tivemos a oportunidade de dialogar de maneira mais aproximada com algumas professoras participantes da pesquisa.

Uma dessas professoras a qual chamamos de Flor de Mussambé, que tem uma experiência vasta na modalidade EJA e mais de 20 anos de docência na rede básica de ensino compartilhou muitos aspectos de sua vida como professora. Dentre estes aspectos nos falou sobre o suporte pedagógico que segundo a mesma precisaria acontecer de uma forma que realmente contemplasse aspectos mais específicos da modalidade.

Em seu relato sentimos a angustia no tocante a recursos e matérias didáticos que possibilitem um melhor rendimento da aprendizagem. Esta professora abordou muitos fatores que de certo modo nos preocupa como por exemplo a evasão, principalmente durante a pandemia que teve um impacto negativo no acesso as aulas por parte dos educandos da EJA.

Conforme o que nos relatou a professora uma das modalidades mais atingidas sem sombra de dúvidas foi a EJA. A professora nos explicou como desenvolve a sua metodologia e seus recursos pedagógicos para assegurar a permanência desses alunos.

Observamos o quanto a professora Flor de Mussambé A professora experiência e domínio sobre a sua prática. Entre as qualidades desta professora o que muito nos encantou foi a amorosidade, A preocupação com os seus educandos e a paciência no lidar com os desafios que estes educandos enfrentam.

3.2 As entrevistas semiestruturadas: registros, memórias e práticas em discussão

Para construir os materiais da nossa pesquisa realizamos entrevistas semiestruturadas com as professoras coparticipes de nosso trabalho. Estas participaram respondendo as entrevistas as quais foram elaboradas a partir de um roteiro organizado em eixos temáticos, estes estavam articulados com a formação inicial e continuada, atuação, currículo, referenciais adotados e experiências na EJA.

De início, é importante atentar para o caráter de interação que permeia entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelece uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado como na observação unidirecional, por exemplo, ou na aplicação de questionários ou de técnicas projetivas, na entrevista relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. (LUDKE, 1986, p.33)

A entrevista foi encaminhada por meio eletrônico acompanhada de um termo de consentimento detalhando os processos da pesquisa para assim esclarecer sobre como procederíamos a seguir.

Com isto, percebemos a relevância desse tipo de metodologia para a construção dos resultados. Por compreender nesta técnica uma forma mais agregadora que permite o diálogo entre o sujeito e o objeto, ao mesmo tempo em que evidencia a missão de investigar e interpretar os fenômenos do sujeito, ressinificando sua fala.

Neste capítulo transcreveremos recortes importantes das respostas das professoras participantes.

Ao perguntarmos a Professora Flor de Frade sobre como se deu a sua entrada na EJA e se a mesma possuía formação na área, esta professora relatou:

Com a minha remoção de outro município, ao chegar na EE Professora Joana Honório da Silveira Moura me deparei com um quadro da EJA desfalcado, assim completei o quadro com os componentes de Linguagens, minha área de formação: Língua portuguesa, Língua Inglesa, Artes e Educação física. (FLOR DE FRADE, 2022).

Ao indagarmos a professora a respeito da sua concepção acerca da EJA, a mesma ressaltou:

Uma modalidade que vem se transformando ao longo dos anos, mas que ainda necessita de um olhar voltado para a organização do trabalho pedagógico através de um planejamento de acordo com a realidade da EJA, os documentos norteadores em sua maioria não contemplam as concepções pedagógicas na visão dessa modalidade de ensino, eu, enquanto professora, que já atuei na EJA, em dois municípios ainda não sinto as mudanças, continua como estava há alguns anos atrás. (FLOR DE FRADE, 2022).

No tocante a participação da mesma em algum momento da organização e planejamento do Projeto Político Pedagógico da Escola a professora comentou:

Sim, não da rede estadual, participei mais ativamente na rede municipal, onde também tem a modalidade da EJA, fizemos o máximo para contemplar essa modalidade, que sentimos tão desamparada, por falta de Apoio pedagógico específico, pelo menos que entenda a realidade da EJA, pela falta de material didático, enfim, o trabalho de projetos está no PPP da escola ligado aos temas transversais com base nos parâmetros e diretrizes que ainda são os únicos norteadores para esse planejamento. (FLOR DE FRADE, 2022).

Quando a indagamos sobre como foi pensada a Educação de jovens e adultos no Projeto Político Pedagógico da escola, ouvimos a seguinte resposta:

Trabalhar projetos com temas transversais, falo em relação ao município, onde tenho hoje mais acesso, integração de áreas, aulas diversificadas buscando levar esses alunos as novas vivências de seu currículo, como trabalhamos a concepção de Wallon, Vygotski e Freire, abordamos a aprendizagem pelo meio e pelo o outro, sua identidade e vivências assim como uma pedagogia humanizadora. (FLOR DE FRADE, 2022).

Ao perguntarmos a professora sobre a importância da participação dos professores na elaboração do Projeto Político Pedagógico a mesma respondeu que reconhece essa importância:

Sim, é importante demais a nossa participação, pois devemos trabalhar de modo integrado na construção e efetivação da prática desse currículo, que deve ser flexível e trabalhar as vivências da realidade local, a identidade de cada estudante. A tentativa é válida, estamos com uma equipe excelente de professores, novos em suas práticas e abertos as mudanças. (FLOR DE FRADE, 2022).

Na abordagem da questão relacionada a como se deu a entrada da Professora Flor de Mussambê na modalidade da EJA a mesma relatou que foi em virtude da necessidade de adequação de suas atividades como professora da escola. Em relação a sua concepção sobre da EJA, a mesma ressaltou que “esta modalidade em diversos momentos é colocada em segundo plano, não sendo dada a importância devida. Por outro lado, falta motivação dos próprios alunos” (FLOR DE MUSSAMBÉ, 2022).

Ao perguntamos sobre como foi pensada a Educação de jovens e adultos no Projeto Político Pedagógico a professora comentou:

O planejamento foi feito de modo rápido para esta modalidade, sendo discutido que os horários deviam ser mais curtos e os professores deveriam ser mais compreensivos com os alunos, visto as realidades distintas de cada um (FLOR DE MUSSAMBÉ, 2022).

Sobre como acontece planejamento das atividades escolares mensais, semestrais ou anuais a professora relatou que “O planejamento é feito de forma individual, em que planejo de forma semanal as aulas a serem ministradas” (Flor de Mussambé, 2021).

Conversamos com a professora Flor de Mussambê sobre sua experiência na modalidade EJA, e qual tem sido a concepção de currículo que norteia a sua prática pedagógica. A professora comentou que “ao longo dos anos foi observando que não é possível o cumprimento do currículo na prática, visto as aulas mais curtas para esses alunos e as necessidades individuais. (FLOR DE MUSSAMBÊ, 2022).

Na entrevista realizada com a professora Flor de Maracujá a mesma nos falou como teve início sua trajetória na EJA e que ocorreu por necessidade de completar sua carga horária na escola: “a minha ida para a EJA se deu pela necessidade de completar a carga horária. Depois por amor permaneci e pela vontade de contribuir com a formação do público alvo desta modalidade de ensino, que em sua maioria é excluído socialmente (FLOR DE MARACUJÁ, 2022).

Perguntamos a esta professora sobre como tem sido o planejamento das atividades escolares mensais, semestrais ou anuais: “O planejamento do educador é diário, o mesmo deve estar atento a necessidade educacional de seu educando na escola. (FLOR DE MARACUJÁ, 2022). A professora nos relatou sobre sua prática pedagógica, e comentou sobre as dificuldades para o trabalho com os conteúdos escolares planejados. Destacou que “as dificuldades maiores são em decorrência do desnivelamento das turmas. Alguns sabem ler outros sequer conhecem as letras do alfabeto e temos também os educandos com necessidades educacionais especiais que precisam de um suporte especializado e na sua maioria não têm (FLOR DE MARACUJÁ, 2022).

Ao questionarmos as suas impressões sobre a concepção freireana de educação a professora ressaltou:

É uma pedagogia que tem profundamento conscientizar os estudantes na pedagogia freireana primeiro se ler o mundo depois se lê a palavra. E principalmente faz com que os educandos se reconheçam como construtores partícipes da história. (FLOR DE MARACUJÁ, 2022)

No trato das questões relativas aos referenciais teóricos utilizados em sua prática pedagógica na EJA, a mesma afirmou:

Paulo Freire, Emília ferreiro, Magda Soares de entre outros. o ensino na EJA deve ser centrado na vida na humanização no diálogo na conscientização deve ser libertador e estimular os educandos a querer aprender e reconhecer a educação como Pilar para o desenvolvimento pessoal e profissional. (FLOR DE MARACUJÁ, 2022)

4 IMPRESSÕES SOBRE AS SESSÕES REFLEXIVAS E ENTREVISTAS REALIZADAS

Neste capítulo compartilhamos as nossas impressões acerca das sessões reflexivas e entrevistas realizadas com as professoras participantes da pesquisa. Para isso discorremos sobre aspectos muito importantes conversados com estas professoras.

Dentre estes aspectos destacamos o compromisso das mesmas com questões políticas e econômicas que afetam diretamente esta modalidade e consequentemente seu público.

Nas sessões reflexivas estas professoras manifestaram em suas falas que participam ativamente da vida dos seus educandos e em virtude desta participação se preocupam com a desmotivação demonstrada pelos mesmos em decorrência das lutas do dia-a-dia e dos problemas que afetam a permanência destes no contexto das aulas.

Vimos como estas professoras se esforçam para ajudarem os seus educandos no enfrentamento das lutas e dos desafios oriundos das desigualdades sociais existentes no público jovem, adultos e idoso da EJA.

Outro aspecto relevante abordado nesses encontros reflexivos foi relativo as metodologias e ao material didático que estas utilizavam. As professoras foram unânimes em afirmar que a elaboração das metodologias e do material didático se dá pela escuta sensível dos interesses de aprendizagem da turma. Conforme as suas falas os conteúdos de aprendizagem partem da realidade concreta de cada um (a).

A dialogicidade foi outro aspecto abordado nessas sessões. Percebemos como estas professoras dialogam com seus educandos e conseguem estabelecer relações de confiança e solidariedade mútuas. Esta dialogicidade parece ser um fator que colabora para o resgate da autoestima desses educandos. Percebemos também como as professoras não medem esforços para atrair seus educandos para permanecerem na escola.

Dialogamos com as professoras sobre o desafio que os educandos da EJA enfrentam para conciliarem trabalho e estudos. É evidente a sensibilização das mesmas acerca das dificuldades que este público enfrenta para darem continuidade aos estudos e exercerem as suas atividades profissionais. Esta sensibilização faz com que estas possibilitem a realização de aulas criativas e inovadoras que respeitem o fato desses educandos chegarem exaustos em suas salas de aula após jornadas de trabalho muito pesadas.

Na abordagem das questões relacionadas aos planos de aula e planejamentos estarem alinhados aos interesses dos educandos as professoras relataram que buscam o desenvolvimento de atividades escolares que façam sentido para as suas vidas cotidianas e que lhes auxiliem em questões práticas do dia-a-dia, promovendo a autonomia necessária a estes.

No que diz respeito às nossas impressões apreendidas nas entrevistas é importante ressaltar que apresentamos as relativas a aspectos que consideramos muito importantes no diálogo com as professoras.

Um dos aspectos que destacamos é relacionado à como se deu a atuação dessas professoras na EJA. O que nos chamou a atenção que todas as professoras relataram que esta atuação era decorrente das necessidades de funcionamento das turmas. Na maioria precisavam completar carga horária, dar suporte ao quadro de professores que se encontrava “desfalcado” conforme a fala de uma das pesquisadas, em virtude da necessidade de adequação de suas atividades como professora da escola, enfim, em nenhum relato ouvimos dizer que estes professores escolheram ou desejaram atuar na EJA. Isso fortalece a nossa visão de que a EJA não ocupa na escola o lugar devido e que não há incentivo para que os professores atuem na modalidade. O que estava implícito nas falas das professoras é que a EJA é um lugar de muitos problemas e por causa desta visão equivocada muitos professores resistem a atuarem.

No entanto, também foi possível apreender as professoras entrevistadas apesar de não optarem por trabalharem com a EJA a partir da vivência com seus educandos passaram a dedicar-se e a gostar da experiência desafiadora de ser professora de uma modalidade especialíssima. Ou seja, o reconhecimento dos desafios que permeia as turmas da EJA não fez com que estas professoras desistissem, pelo contrário se motivaram ainda mais no compromisso de promoverem uma educação emancipatória para um público historicamente excluído.

No que concerne as concepções acerca da EJA e da Pedagogia Freireana percebemos que estas professoras reconhecem as especificidades e a visão ideológica desta modalidade como também se identificam com os princípios freireanos de uma educação crítica e emancipadora. No entanto, estas professoras também manifestam o desejo por entender mais profundamente as ideias políticos e pedagógicos difundido por Paulo Freire. Segundo as mesmas em conversas informais que mantivemos a ausência de formação continuada é responsável por essas lacunas que interferem em suas práticas e no desenvolvimento do planejamento pedagógico.

A esse respeito entendemos que o planejamento pedagógico precisaria acontecer coletivamente e que se tornasse uma rotina na prática pedagógica da EJA. Quando do nosso questionamento sobre a articulação do planejamento pedagógico com o PPP das escolas, as professoras mencionaram que muito se tem a construir, para que o PPP legitime as identidades dos educandos da EJA e atenda as especificidades e demandas da modalidade. As professoras entendem a importância da participação dos professores na construção do PPP.

As professoras falaram do quanto necessitam de suporte pedagógico que efetivamente funcione e lhes auxiliem nas práticas cotidianas e nas questões relativas aos interesses de aprendizagem dos educandos.

Neste eixo relativo aos aspectos pedagógicos da prática perguntamos também sobre como foi pensada a EJA no PPP e ouvimos os relatos de que a pedagogia de projetos norteia as suas atividades. No trabalho com projetos alegaram que abordam os temas transversais e as vivências como instrumentos do currículo praticado.

No que concerne a frequência como se dá o planejamento os professores ressaltaram que planejam diária e semanalmente as suas atividades, mas não percebemos como acontece no âmbito do coletivo, ou seja, não há uma regularidade no planejamento coletivo de todos os professores da EJA.

Quando da abordagem dos referenciais teóricos que orientam suas práticas as professoras declararam que o referencial maior é Paulo Freire, mas que também dialogam com outros autores que defendem uma educação crítica e democrática. Mencionaram também a utilização das diretrizes da EJA e propostas anuais para os diferentes segmentos da modalidade. Articulado a esses referenciais o PPP como proposta da escola.

As impressões compartilhadas se fundamentam nas respostas das entrevistas e nas conversas das sessões reflexivas realizadas como procedimentos da construção de dados da pesquisa.

Procuramos compreender a organização do cotidiano da sala de aula e os cenários através de seus documentos referenciais, suas propostas pedagógicas assim como seu currículo e os princípios Freireanos nos espaços escolares onde são produzidos os saberes. Fizemos isso por meio da dialogicidade estabelecida em todo o percurso investigativo.

Entendemos que prática docente não acontece sem o discente. Na contra-mão de tudo o que envolve as concepções, os gestos, a seleção do material, as metodologias, as articulações existentes no discurso atrelado a prática visualizamos o esforço e a dedicação dos professores coparticipes de nosso.

Ousamos dizer que embora em alguns contextos exista o compromisso com os ideais político-pedagógicos freireanos ainda há muito o que se conquistar quando se trata da consolidação de uma educação emancipatória na EJA. Articular os princípios da Pedagogia Freireana no currículo da EJA se constitui numa luta política.

Apesar do esforço e dedicação das professoras no trabalho com esta modalidade historicamente excluída observamos em suas falas como ainda se sentem sozinhas nos desafios cotidianos de suas turmas.

Nos relatos vemos claramente a ausência de práticas cotidianas amparadas pelos currículos das escolas da rede básica que contemple e efetive uma formação continuada voltada para o público da EJA, como também de propostas curriculares norteadas pelos princípios freireanos. O que percebemos é que muito se fala em currículo que considere as especificidades da EJA, respaldando toda a luta que fora empreitada pelo mestre Paulo Freire. No entanto, o discurso ainda não é suficiente para que todos entendam a modalidade EJA em seus direitos e identidades.

A existência dos princípios freireanos não garantem a articulação destes nas práticas. Poucos ainda professores conseguem delimitar quais os problemas que estão intrinsicamente ligados a esta modalidade.

Ao mesmo tempo em que vemos as professoras tentarem organizar uma proposta voltada para a garantia dos direitos desses alunos, vemos os julgamentos em relação a participação desses no processo de construção da referida.

Enfim, as nossas impressões nos credenciam a dizer que infelizmente há muito lacunas no que diz respeito ao repensar de uma estruturar curricular voltada para o atendimento das necessidades pessoais e profissionais dos sujeitos jovens, adultos e idosos. Há muito o que fazemos nas reflexões e diálogos a favor dos sujeitos excluídos social e economicamente por um sistema que não compreende a urgência em políticas que garantam o aceso e a permanência dos sujeitos que não tiveram direito a escolaridade ou se tiveram foi tardiamente. Acreditamos que na reflexão e luta conjunta e norteados pelos princípios freireanos de educação conseguiremos construir uma EJA que promova a ascensão social e a integração das pessoas jovens, idosas e adultas nos mais diversos espaços do mundo contemporâneo.

4.1 Impressões sobre os documentos referenciais oficiais: o Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições em que os sujeitos participantes da pesquisa atuam

As nossas impressões sobre os currículos e projetos políticos pedagógicos das escolas dizem que na maioria das vezes são produzidos pelos coordenadores pedagógicos e que quase sempre são apresentados para a comunidade escolar sem uma reflexão ou discussão que dessem suporte a esta construção. Observamos que não acontece uma consulta ou dinâmica que possa contemplar os anseios e conhecimentos validos para o público da EJA.

Ao visitarmos as instituições e solicitarmos os documentos nos deparamos com a resposta comum que era que estavam atualizando esses PPPs. Isso é recorrente deste o início da pesquisa

em 2018. Quando adentramos os espaços para conhecer, dialogar, ouvir os anseios e tentar ajudar encontramos professores sem autoestima, desanimados e clamando por ajuda.

Em muitos documentos referenciais encontramos citações que referenciam Freire, mas pelo fato do mesmo ser o patrono da educação e não pela relação intrínseca e necessária que tem com a EJA. No entanto quando conversamos ou observamos suas práticas percebemos a realidade oculta de uma prática ou teoria freireana que está pouco contemplada nas metodologias adotadas nesses referenciais. As práticas pedagógicas ainda continuam engessadas conforme as diretrizes de um sistema destinado ao ensino regular. A incapacidade de o sistema pensar as necessidades e especificidades desta modalidade.

Para a contemplação da identidade da EJA faz-se necessário um olhar democrático e humanizador articulado a metodologias e práticas que abordem os temas transversais e atendam a diversidade humana dos sujeitos jovens, adultos e idosos. Os conteúdos de ensino e as práticas que considerem os interesses dos educandos se convertem em currículos que contemplam as necessidades pedagógicas dos educandos.

Ao pensarmos na EJA como direito igualmente serão pensados material didático e metodologias que produzam conhecimento significativo e garantam a aprendizagem satisfatória para educandos e para os educadores.

Assim, na concretude de um currículo emancipador é que teremos uma EJA humanizadora e que possibilite dignidade ao seu público que é reconhecidamente excluído social e economicamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho e o desenvolvimento da pesquisa se constituíram em momentos muito importantes para a minha vida pessoa e profissional. As aprendizagens foram múltiplas e muito significativas. Todo o percurso trilhado no curso de Pedagogia foi permeado por muita dedicação, esforço e compromisso de nossa parte.

Vivenciamos cada atividade sabendo exatamente da importância do viver o ensino, a pesquisa e a extensão no ambiente acadêmico. As experiências vividas como bolsista do grupo de pesquisa e extensão PRAEJA foram determinantes em minha formação inicial. O gosto pela atividade de pesquisa e o reconhecimento desta atividade como intrínseca a prática dos professores foi determinante para que eu me construísse e reconstruíssem a cada ação que participava.

Os laços de amorosidade e solidariedade vividos neste percurso formativo nos fizeram entender a relevância dos princípios freireanos quando buscamos a consolidação de uma educação democrática, crítica e libertadora.

No tocante a possibilidade de ter desenvolvido esta pesquisa na temática da EJA que se constituiu como o campo da educação que pretendo atuar nos deixa muito felizes, pois fomos coerentes com as reflexões e os diálogos compartilhados com os nossos professores e colegas do curso. Nesta escrita final, quero expressar a minha gratidão a Deus por todas as oportunidades que tive neste percurso formativo humano.

Os desafios vividos na pandemia da COVID-19 nos impulsionaram a prosseguir e permitiram que conjuntamente com os participantes do PRAEJA realizássemos a experiência que culminou na construção desse artigo. O desejo por partilhar esta experiência de formação inicial e continuada nos fez desenvolver a pesquisa e estarmos aqui finalizando o curso na certeza que fizemos o melhor que podíamos mediante a realidade atípica vivida no período pandêmico que nos desafiou a prosseguir no curso por meio do modo de ensino remoto. Foram dias difíceis, mas, a vontade conjunta por superar os desafios e principalmente o respaldo teórico da Pedagogia Freireana em seus princípios da amorosidade, fraternidade e solidariedade nos permitiram permanecer firmes em nossos propósitos de colaborarmos com uma educação humanizadora.

No repensar acerca desta pesquisa que não se finaliza neste trabalho faz-se necessário retomarmos os objetivos que nos guiaram e partilhar as nossas impressões sobre o que conseguimos compreender no percurso investigativo.

Neste sentido, ousamos dizer que compreendemos o currículo e as práticas pedagógicas na EJA pelo viés da formação inicial e continuada que nos aponta que a construção de um currículo identitário que atenda as especificidades desta modalidade depende do esforço coletivo dos professores, da reflexão conjunta, bem como das experiências que esses professores compartilham nos espaços formativos em que atuam.

No entanto, também entendemos que se faz necessário por parte da União, dos estados e municípios a elaboração de políticas públicas de formação inicial e continuada de professores que ofereça dignidade e um ambiente favorável para o desenvolvimento de seu trabalho docente. Os professores em formação e os professores necessitam resgatarem a autoestima por serem professores.

Entendemos que a articulação entre o currículo, práticas pedagógicas e princípios freireanos se dar como necessidade substancial na reinvenção das práticas pedagógicas na EJA. Esta articulação acontece muito mais pelo esforço dos professores do que pelo incentivo coletivo dos órgãos que deveriam fortalece-la.

No diálogo com os professores participantes da pesquisa identificamos os referenciais que orientam as suas atividades cotidianas e percebemos o quanto ainda são insuficientes para o atendimento das necessidades didático-pedagógicas dos mesmos.

Na reflexão acerca da presença dos princípios freireanos nas práticas dos professores sujeitos da pesquisa vimos a materialização destes a partir das relações estabelecidas com base na amorosidade e na solidariedade desses professores com os seus educandos(as).

Por fim, e sem concluir sabemos que este artigo nos dará suporte para a construção de outros trabalhos e reafirmamos o nosso compromisso em colaborarmos nas discussões que abordem o currículo, as práticas pedagógicas e a formação inicial e continuada de professores. Os desdobramentos e aprimoramento deste trabalho acontecerão principalmente por meio de nossa disposição em partilhar as experiências que pretendemos viver no exercício futuro de nossa profissão de professora-pesquisadora.

6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- ARROYO, M. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. In: VÓVIO, Claudia Lemos; IRELAND, Timothy Denis (Orgs.). Construção coletiva: contribuições à Educação de Jovens e Adultos. Brasília: UNESCO; MEC; RAAB, p. 221 -230, 2008.
- BLOCH, E. O princípio esperança. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 2005.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- CANDAU, V. M. A Didática em Questão. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DI PIERRO, M. C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, 2005.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. Pedagogia da Esperança: Um encontro com a Pedagogia do Oprimido – Paulo Freire. Notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em educação - abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUDKE, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- SANTANA, M.; LIRA, K. C. G. A prática pedagógica docente na educação de Jovens e Adultos - EJA. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2015.
- SANTOS, P. F. A andragogia como estratégia didática na educação de jovens e adultos. (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), 2014. Disponível em: < <http://www.uece.br>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- SILVA, A. Fernando Gouvêa da. A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SILVA, D. P. C.; PINHEIRO, R. A. Currículo, saberes e vivências dos professores da EJA: reconfigurações em uma escola de assentamento. *Revista Teias*, v. 17, 2016.

SILVA, F. C. A Pedagogia Freireana no contexto da EJA: a força de um pensamento inédito-viável. *Ensino, Saúde e Ambiente* – v. 14 n. esp., p. 201-21, 2021.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, v.20, n.43, p.64-83, 2021.

ZITKOSKI, J. J. Diálogo/dialogicidade. In: STRECK, D. R; REDIN, E; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

7 APÊNDICES

ROTEIROS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

EIXOS TEMÁTICOS

EIXO 01. DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

- a) Como se deu necessariamente sua entrada na Educação de jovens e adultos? Qual a sua formação nessa área?
- b) Que concepção você vem construindo acerca desta modalidade de ensino?
- c) Você já participou em algum momento da organização e planejamento do Projeto Político Pedagógico da Escola?
- d) Como foi pensada a Educação de jovens e adultos neste Projeto Político Pedagógico?
- e) Em caso negativo, você acredita ser relevante a sua participação e dos demais professores desta modalidade de ensino na organização e planejamento desse projeto? Por quê?
- f) Qual a faixa etária da educação de jovens e adultos que?
- g) E como tem se dado o planejamento das atividades escolares mensais, semestrais ou anuais?
- h) Com que frequência vocês se reúnem para o planejamento das atividades?
- i) Como observa os resultados? Positiva ou negativamente? Por quê?
- j) O que você destaca como sendo um ato prazeroso nesta atividade pedagógica com alunos/as com EJA?
- k) Quais as condições que a escola lhe oferece para o desenvolvimento de sua prática pedagógica na EJA?

EIXO 02. CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DA EJA

- a) Diante deste contexto escolar da Educação de jovens e adultos vivenciado ao longo de sua experiência, qual tem sido a concepção de currículo que norteia sua prática?
- b) Quanto aos conteúdos, como vem ocorrendo essa organização?
- c) Como você considera a questão dos saberes experienciais dos/as alunos/as no momento de organizar esses conteúdos?
- d) Em algum dado momento de sua prática docente, você já organizou os conteúdos de outra forma? Como foi essa experiência?
- e) Qual a sua concepção de currículo?
- f) Qual a sua concepção de prática?
- g) E qual a sua concepção acerca da pedagógica freireana?

EIXO 03. DAS CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO E PRÁTICA

- a) Em sua prática pedagógica há dificuldades para a transmissão dos conteúdos planejados? Quais as principais dificuldades?
- b) Quais as metodologias utilizadas em sua prática pedagógica?
- c) Você integra os saberes dos/as alunos/as no momento de suas aulas?
- d) Em âmbito geral, os conteúdos, metodologias e formas de avaliação utilizados por você nas aulas têm garantido uma significativa aprendizagem aos alunos/as da Educação de jovens e adultos?
- e) Enquanto professora dessa modalidade de ensino, você acredita numa outra possibilidade de desenvolver sua prática pedagógica curricular? Como isso seria possível?
- f) Qual a sua concepção de currículo?
- g) Qual a sua concepção de prática?
- h) E qual a sua concepção acerca da pedagógica freireana?

EIXO 04. DOS REFERENCIAIS ADOTADOS

- a) Você acredita existir uma relação intrínseca entre o seus saberes/fazeres docentes na Educação de jovens e adultos com a sua formação inicial?
- b) Até que ponto sua formação inicial tem ajudado no desenvolvimento de sua prática pedagógica?
- c) Haveria necessidade de uma formação continuada para ampliar qualitativamente o seu fazer docente na Educação de jovens e adultos? Como ocorreria esse processo?
- d) Quais os referenciais adotados em sua prática?
- e) Como se dá o PPP da escola se articula no planejamento de sua aula?
- f) Que referenciais teóricos você utiliza no trabalho pedagógico da EJA?

EIXO 05. DAS VIVENCIAIS

- a) Como são os processos formativos de promovidos pela escola?
- b) Você participa ou participou de alguma formação continuada ofertada pelo município ou estado?
- c) Com que frequência acontece?
- d) Como se dá o planejamento na EJA?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA: REFLEXÕES E DIÁLOGOS NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES.**

Nome do Pesquisador Principal: karla Jakceline da Silva Nascimento.

Nome do Orientador: Divoene Pereira Cruz Silva.

Natureza da pesquisa: o sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade ouvir os relatos e experiências vivenciados na prática docente.

Participantes da pesquisa: serão 04 (quatro) professores da rede básica de ensino da modalidade EJA).

Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador (a) (...). A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.) (...). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Sobre as entrevistas: (entrevista semiestruturada, encontro reflexivo pelo google meet).

Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. (Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o (a) pesquisador (a) e o (a) orientador (a) terão conhecimento dos dados.

Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre (...), de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa (...), onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal: karla jakceline da Silva Nascimento (84) 99109-6108

9 AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao Pai Celeste pela oportunidade de concretizar meu sonho ser Pedagoga, este mesmo Deus que foi minha força e fortaleza durante todos esses 5 anos estive comigo me acalmando, tranquilizando, e me erguendo a cada dificuldade e obstáculos e estes não foram poucos. Minha fé foi meu combustível para chegar até aqui.

Meu glorioso São José e minha mãezinha do Céu que nunca me abandonaram nem em meus dias mais difíceis e sombrios nos quais a dor me consumiu e me desestabilizou.

A minha família, que sempre me apoiou e esteve comigo dando suporte nas horas que precisei. Minha mãe a ti dedico tudo que sou por sua luta em me ver formada, a primeira filha a se formar em uma Universidade Federal.

A minha filha Geordanna pela compreensão e carinho para comigo durante meus dias e noites sem poder dar carinho e atenção.

As minhas amiga e clientes que nunca me abandonaram por saber que precisava da renda para custear minhas atividades e estágios durante o curso.

Aos professores que com muita sabedoria me conduziram para a construção do meu currículo e conhecimentos.

A universidade Federal Rural do Semi-árido - Ufersa, a qual tenho enorme gratidão por tudo e pelo bem que fizeram por/ e para mim. Não seria quem sou se não estivesse estado aqui. Como um todo que sempre me acolheu e direcionou sempre que precisei, com soluções e mão estendida. E sem sombra de dúvida não esquecerei de todos os valores que aqui construí.

E enfim, e não menos importante a responsável por tudo, aquela que me construiu como pessoa, me lapidou, me acolheu como filha. Sem você não seria possível nada disso. Você me apresentou um modo de ver o mundo com os olhos da amorosidade, da compreensão, da solidariedade, do compromisso com a minha profissão. Divoene dedico a você tudo que sou, e me tornei depois de você. As muitas oportunidades que você me apresentou me constituíram o profissional que sou. Você conseguiu extrair de mim o melhor de mim. As reflexões que conseguimos fazer juntas me oportunizaram crescer e me aceitar como sou. Obrigada por tudo!!!